

TULIP

OS 5 PONTOS DO CALVINISMO

ROBERT L. DABNEY



Tulip: Os 5 Pontos do Calvinismo

Direitos Autorais © 2022 Legado Reformado.

Título original: *The Five Points Of Calvinism*

Legado Reformado

www.legadoreformado.com

Produção Editorial:

Editor: Henrique Curcio

Tradução: Henrique Curcio

Revisão: Jacqueline Moura

Todas as citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Atualizada, salvo qualquer indicação específica. Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida de qualquer maneira sem permissão por escrito, exceto nos casos de breves citações contidas em artigos ou revistas. Direcione sua solicitação ao editor no seguinte endereço: permissões@legadoreformado.com.

Siga nosso Instagram:

www.instagram.com/legadoreformado/

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
PECADO ORIGINAL, DEPRAVAÇÃO TOTAL E INCAPACIDADE DA VONTADE	14
A NATUREZA E A AGÊNCIA DA REVOLUÇÃO MORAL, CHAMADA EFICAZ OU REGENERAÇÃO	32
ELEIÇÃO DE DEUS	46
REDENÇÃO PARTICULAR.....	70
A PERSEVERANÇA DOS SANTOS.....	77
QUEM FOI ROBERT L. DABNEY?	92
OUTROS TÍTULOS PRODUZIDOS POR NÓS	95

TULIP - OS 5 PONTOS DO CALVINISMO

“E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou”

(Romanos 8:30)

Audiobooks do Legado Reformado

Link do nosso Spotify

<https://spoti.fi/3FXSzEH>

Link do nosso canal no Youtube

<https://www.youtube.com/@legadoreformado6520>

Mídias Sociais e outros Links

Link do nosso Site:

<https://www.legadoreformado.com>

Link do nosso Instagram:

<https://www.instagram.com/legadoreformado/>

Link dos nossos livros na Amazon:

<https://amzn.to/3PFlijN>

Como ajudar nosso ministério

Nosso foco é glorificar a Deus e abençoar nossos irmãos em Cristo com nossas traduções. Por esse motivo decidimos fazer todo o nosso conteúdo digital de maneira gratuita. **Caso você deseje ajudar o nosso ministério, você poderá:**

1. Seguir nosso Instagram:
www.instagram.com/legadoreformado/
2. Comprar uma cópia física;
3. Fazer uma doação para o Pix: CNPJ 47.268.109/0001-78;
4. Traduzir, Revisar ou Narrar
(contato@legadoreformado.com)
5. Deixar uma avaliação no site da Amazon, para que outras pessoas possam saber sobre esse conteúdo gratuito.

Oremos para que Deus possa usar esse conteúdo para edificar a Sua Igreja.

Que Deus o abençoe.



Introdução

Historicamente, este título (“Calvinismo”) é de pouca precisão ou valor. Eu o uso para denotar certos pontos de doutrina, porque o costume o tornou familiar. No início do século XVII, a Igreja Presbiteriana da Holanda, cuja confissão doutrinária é a mesma em substância que a nossa, foi muito perturbada por uma espécie de minoria, liderada por um de seus pregadores e professores, *James Harmensen*, em latim, *Armínio* (daí, desde então, *arminianos*). Igreja e Estado sempre estiveram unidos na Holanda; daí o governo civil assumiu a briga. O professor Harmensen (Arminius) e seu partido foram obrigados a comparecer perante o

General do Estado (o que chamaríamos de Congresso Federal) e dizer quais eram suas objeções contra as doutrinas de sua própria igreja, que eles haviam prometido livremente em seus votos de ordenação, ensinar. Armínio entregou um escrito no qual ele nomeou cinco pontos de doutrina sobre os quais ele e seus amigos diferiam ou duvidavam. Esses pontos foram virtualmente: *Pecado original, predestinação incondicional, graça irresistível na conversão, redenção particular e perseverança dos santos.*

O resultado de tal apresentação foi que a legislatura federal ordenou a realização de um concílio geral de todas as igrejas presbiterianas no mundo, para discutir novamente e estabelecer essas cinco doutrinas. Este foi o famoso *Sínodo de Dort*, onde não apenas ministros da Holanda, mas delegados das igrejas, francesa, alemã, suíça e britânica se reuniram em 1618. O Sínodo adotou a regra de que toda doutrina deve ser decidida pela autoridade única da Palavra de Deus, deixando de fora todas as filosofias e opiniões humanas de ambos os lados. O resultado foi um pequeno conjunto de artigos que passaram a fazer parte da Confissão de Fé da Igreja Presbiteriana da Holanda. Eles são claros, sólidos e

moderados, exatamente os mesmos em substância com os de nossa Confissão de Westminster, promulgada vinte e sete anos depois.

Sempre considerei este papel entregue por Armínio de pouco valor ou importância. Não é honesto nem claro. Em vários pontos, procura astutamente insinuar dúvidas ou confundir as mentes dos oponentes usando a linguagem da pretensa ortodoxia. Mas à medida que o debate prosseguia, as diferenças dos arminianos se revelavam, sob um pretense novo nome, nada além do velho semi-pelagianismo que vinha assolando as igrejas há mil anos, primo-alemão do Credo sociniano ou unitário. Tal doutrina praticamente negava que o caído Adão tivesse levado o coração do homem a uma completa e decisiva alienação de Deus; afirmava que sua eleição da graça não era soberana, mas fundamentada em sua própria previsão da fé, arrependimento e perseverança daqueles que *escolheriam* abraçar o evangelho.

Para eles, essa graça no chamado eficaz não é eficaz e irresistível, mas resistível, de modo que todas as conversões reais são o resultado conjunto dessa graça e da vontade do pecador trabalhando lado a lado. Para

eles, Cristo morreu igualmente pelos não eleitos e pelos eleitos, proporcionando uma expiação indefinida e universal para todos; e que os verdadeiros convertidos podem, e às vezes o fazem, é cair total e finalmente do estado de graça e salvação; sua perseverança não depende da graça eficaz, mas de seu próprio livre arbítrio para continuar nos deveres do evangelho.

Deixe qualquer mente clara rever essas cinco mudanças e perversões da verdade bíblica, e ele verá dois fatos: Um; que o debate sobre todos eles dependerá principalmente da primeira questão, se o pecado original do homem é ou não uma inimidade completa e decisiva à piedade. E o segundo fato é que todo esse plano é um artifício para gratificar o orgulho humano e a justiça própria e escapar da grande verdade humilhante em todos os lugares tão proeminente no evangelho real, que a ruína do homem pelo pecado é total, e todo o crédito de sua redenção é de Deus.

Nós presbiterianos nos importamos muito pouco com o nome calvinismo. Não temos vergonha disso; mas não somos obrigados a usar tal nomenclatura. Alguns oponentes parecem abrigar a noção ridícula de que esse conjunto de doutrinas foi uma invenção do

francês *João Calvino*. Eles dizem que somos seguidores dele em vez de seguidores da Bíblia. Este é um erro histórico estúpido. João Calvino não inventou essas doutrinas. Acreditamos que ele era um homem muito talentoso, instruído e, principalmente, piedoso; mas que ainda tinha seus defeitos. Ele encontrou substancialmente esse sistema de doutrinas exatamente onde as encontramos, no estudo fiel da Bíblia, onde as vemos ensinadas por todos os profetas, apóstolos e pelo próprio Messias; de Gênesis a Apocalipse.

Calvino também encontrou as mesmas doutrinas transmitidas pelos melhores, mais eruditos, mais piedosos e sem inspiração dos pais da igreja, como Agostinho e São Tomás de Aquino, ainda passando pelos erros do papado. Ele exerceu uma ampla influência sobre as igrejas protestantes; mas a *Assembleia de Westminster* e as igrejas presbiterianas de modo algum adotaram todas as opiniões de Calvino. Como o *Sínodo de Dort*, extraímos nossas doutrinas, não de qualquer homem mortal ou filosofia humana, mas do Espírito Santo falando na Bíblia. No entanto, encontramos algum conforto inferior, não comparado ao conforto encontrado na Bíblia, ao descobrirmos essas mesmas

doutrinas da graça sendo defendidas e ensinadas nas mais eruditas e piedosas de todas as igrejas e épocas; dos grandes pais do romanismo, de *Martinho Lutero*, de *Blaise Pascal*, das igrejas protestantes originais, alemãs, suíças, francesas, holandesas, inglesas e escocesas, e de longe a maior parte das verdadeiras igrejas que seguem a Bíblia em nossos dias.

O objetivo deste tratado é simplesmente permitir que todos os honestos investigadores da verdade entendam exatamente quais são realmente aquelas doutrinas que as pessoas denominam como as “doutrinas dos presbiterianos”, e assim permitir que mentes honestas respondam a todas as objeções e perversões. Não escrevo por causa de qualquer falta em nossa igreja de tratados existentes bem adaptados ao nosso propósito; nem porque acho que agora qualquer um pode acrescentar algo realmente novo ao argumento. Mas nossos pastores e missionários pensam que algum bem adicional pode vir de outra breve discussão adequada para leitores não profissionais. A esses eu recomendaria sinceramente dois livrinhos, *Dr. Mathews* sobre o “*Propósito Divino*”, e o “*Deus Soberano e Homem Livre*” de *Nathan Rice*. Para aqueles que desejam

investigar essas doutrinas mais extensivamente, existem, além de sua Bíblia, as obras padrão na língua inglesa sobre divindade doutrinária, como as *Institutas de Calvino (traduzidas)*, *Witsius on the Covenants*, *Dr. William Cunningham, de Edimburgo*, *Hill's and Dicks's Theologies*, e nos Estados Unidos os de *Hodge*, *Dabney* e *Shedd*.



*Pecado Original,
Depravação Total e
Incapacidade da
Vontade*

Nossa Confissão de Fé, Capítulo IX, Seção III declara: “O homem, caindo em um estado de pecado, perdeu totalmente todo o poder de vontade quanto a qualquer bem espiritual que acompanhe a salvação, de sorte que, um homem natural, inteiramente adverso a esse bem e morto no pecado, é incapaz de, pelo seu

próprio poder, converter-se ou mesmo preparar-se para isso”.

Por pecado original queremos dizer a má qualidade que caracteriza a disposição e vontade natural do homem. Chamamos este pecado de natureza original, porque cada homem caído nasce com ele, e porque é a fonte ou origem em cada homem de suas transgressões reais.

Ao chamá-lo de total, não queremos dizer que os homens são tão ruins quanto podem ser desde sempre. Homens maus e sedutores vão de mal a pior, “enganando e sendo enganados” (2 Tm 3:13). Tampouco queremos dizer que eles não tenham virtudes sociais para com seus semelhantes em que sejam sinceros. Não afirmamos com extremistas que, por serem homens naturais, toda a sua amizade, honestidade, verdade, simpatia, patriotismo, amor doméstico, sejam fingimentos ou hipocrisias. O que nossa Confissão diz é: Que eles perderam totalmente a capacidade de vontade para qualquer bem espiritual que acompanha a salvação. Cristo ensina isso em Marcos 10:21, quando, contemplando as virtudes sociais do jovem rico que veio ajoelhar-se diante dele, “Ele o amou”. Cristo nunca

poderia amar meras hipocrisias. O que ensinamos é que pela queda a natureza moral do homem sofreu uma mudança total para o pecado, irreparável por ele mesmo. Nesse sentido, ela é completa, decisiva ou total.

O estado é tão verdadeiramente pecaminoso quanto suas transgressões reais. Este pecado original se mostra em todos os homens naturais em uma firme e absoluta oposição de coração a algumas formas de dever, e especialmente e sempre aos deveres espirituais, devidos a Deus, e em um propósito fixo e absolutamente decisivo de coração para continuar em alguns pecados (mesmo enquanto praticando alguns deveres sociais), e especialmente para continuar em seus pecados de incredulidade, impenitência, obstinação e impiedade prática. Nisto, os “melhores dos pecadores” são tão inflexivelmente determinados pela natureza quanto os “piores”.

“Os melhores” podem respeitar sinceramente diversos direitos e deveres em relação a seus semelhantes, mas na resolução de que a vontade própria será sua regra, sempre que quiserem, contra a soberana e santa vontade de Deus, estes são tão inexoráveis quanto os mais ímpios. Suponha que uma jovem

refinada e gentilmente criada apresenta o espécime menos pecaminoso da natureza humana não regenerada. Examine-a. Ela sempre se colocou contrária ao roubo, palavrões, embriaguez ou impureza. Em sua oposição a esses pecados, ela é verdadeiramente sincera.

Mas existem algumas formas de obstinação, especialmente nos pecados de omissão como contra Deus, nas quais ela é tão determinada quanto o mais brutal bêbado. Ela tem, vamos supor, uma mãe cristã. Ela está determinada a buscar certas coisas que são desagradáveis. Ela tem um romance debaixo do travesseiro que pretende ler no sábado. Embora às vezes ela ainda repita como um papagaio suas orações infantis, sua vida é espiritualmente uma vida sem oração. Especialmente seu coração está totalmente disposto a não abandonar neste momento sua vida de vontade própria e mundanismo para o serviço de Cristo. Terna e solenemente sua mãe cristã pode perguntar a ela: “Minha filha, você não sabe que nessas coisas você está errada para com seu Pai celestial?” Ela fica em silêncio. Ela sabe que está errada. “Minha filha, você não vai agora ceder e escolher por amor de seu Salvador, neste mesmo dia, a vida de fé e

arrependimento, e especialmente começar esta noite a vida de oração regular, real e secreta?” Provavelmente sua resposta está em um tom de dor fria e amarga. “Mãe, não me pressione, prefiro não prometer.” Não, ela não vai! Sua recusa pode ser civilizada, porque ela é bem-educada; mas seu coração está tão inflexivelmente fixado nela mesmo quanto o aço endurecido. Sua teimosia é exatamente a mesma dos pecadores mais endurecidos. Esse é o “melhor tipo” de humanidade não regenerada.

Agora, os deveres da alma para com Deus são os mais altos, mais queridos e mais urgentes de todos os deveres; de modo que a desobediência voluntária é o mais expresso, o mais culpado e o mais endurecedor de todos os pecados que a alma comete. As perfeições e a vontade de Deus são o padrão mais supremo e perfeito de direito moral e verdadeiro. Portanto, aquele que se opõe obstinadamente ao direito de Deus está se colocando na oposição mais fatal e mortal à bondade moral.

A graça de Deus é a única fonte de santidade para criaturas racionais; portanto, aquele que se separa desse Deus por essa obstinação hostil, fecha-se na

morte espiritual final.

Essa obstinação enraizada e ímpia é o câncer que devora a alma. Essa alma pode permanecer por um tempo como o corpo de um jovem contaminado com câncer subdesenvolvido, aparentemente inofensivo. Mas o câncer está espalhando as sementes secretas da corrupção por todas as veias; vai quebrar finalmente em úlceras pútridas e o corpo florescente se tornará um cadáver medonho. Não há remédio humano. Quando a alma pecadora passa além das restrições sociais e afeições naturais desta vida, e além da esperança, para o mundo dos perdidos, essa raiz fatal, o pecado da impiedade voluntária logo se desenvolverá em todas as formas de malignidade e maldade; a alma se tornará final e totalmente morta para Deus e para o bem. Isso é o que queremos dizer com depravação total.

Mais uma vez, os presbiterianos não acreditam que perdem seu arbítrio por causa do pecado original. Veja nossa Confissão, Capítulo IX, Seção I: “Deus dotou a vontade do homem de tal liberdade, que ele nem é forçado para o bem ou para o mal, nem a isso é determinado por qualquer necessidade absoluta da sua natureza”. Admitimos plenamente que onde um agente

não é livre, ele não é moralmente responsável. Um Deus justo nunca o punirá por ações nas quais ele é apenas um instrumento, impelido pela compulsão da força externa ou do destino. Mas o que é agência livre? Não há necessidade de chamar qualquer metafísica abstrusa para a resposta suficiente. Que a consciência e o bom senso de cada homem lhe digam: Sei que sou livre sempre que o que escolho fazer são os resultados de minha preferência.

Eu escolho e ajo para agradar a mim mesmo, então sou livre. Ou seja, nossas volições responsáveis são a expressão e o resultado de nossa própria preferência racional. Quando sou livre e responsável é porque escolho e faço o que faço, não compelido por outros agentes, mas de acordo com minha própria preferência interior. Todos nós sabemos, evidentemente, que é assim. Mas a preferência racional em nós é um mero estado casual? Nossas almas racionais não contêm princípios originais reguladores de suas preferências e escolhas? Se assim fosse, então a alma do homem seria de fato um miserável cata-vento, girando por causa de todos os ventos exteriores; não sendo livre, racional ou responsável. Todos sabemos que temos esses primeiros

princípios reguladores de nossas preferências; e estas são as próprias disposições naturais. Tais princípios são internos, não externos. Eles são espontâneos, não compelidos, e tão livres quanto nossas escolhas. Eles são nossos, não de outra pessoa. São atributos essenciais em qualquer ser dotado de personalidade.

Toda pessoa racional deve ter algum tipo de disposição natural. Podemos conceber uma pessoa naturalmente disposta dessa maneira e outra daquela maneira. É impossível para nós pensar um agente livre racional sem disposição de forma alguma. É da natureza de um cavalo gostar de grama e feno. É da natureza de um estudante saltitante gostar de salsicha quente. Você pode atrair o cavalo com um monte de feno bom, mas não o menino; é a salsicha quente que vai buscá-lo quando ele estiver com fome; ofereça a salsicha quente ao cavalo e ele, logo, a rejeitará. Tanto o cavalo quanto o menino são livres para escolher o que querem; livres porque suas escolhas seguem seus próprios gostos naturais, ou seja, suas próprias disposições animais.

Mas o homem racional tem disposições mentais que são melhores do que ilustrações, casos reais de princípios nativos que regulam as escolhas naturais.

Assim, quando a felicidade ou a miséria podem ser escolhidas simplesmente por si mesmas, a disposição natural de cada homem é para a felicidade e contra a miséria. O homem naturalmente ama a propriedade; todos estão naturalmente dispostos a ganhar e manter o que é seu, em vez de perdê-lo por nada. Todo homem está naturalmente disposto a desfrutar da aprovação e elogio de seus semelhantes; e seu desprezo e abuso são naturalmente dolorosos para ele. Em todos esses casos, *os homens escolhem de acordo com sua preferência, e preferem de acordo com suas disposições naturais*; felicidade em vez de miséria, ganho em vez de perda, aplauso em vez de abuso. Eles são livres nessas escolhas. E eles têm tanta certeza de escolher de acordo com essas disposições originais, porque as disposições que certamente regulam suas preferências são próprias, não de outrem, e são espontâneas, não compelidas.

Vamos aplicar um desses casos. Faço este apelo a uma companhia de aspirantes a jovens damas e cavalheiros: “Venha e se envolva comigo de sua livre escolha neste determinado curso de trabalho; será longo e árduo; mas posso assegurar-lhe um certo resultado. Prometo-vos que, com este laborioso esforço, vos

tornareis o grupo de jovens mais desprezado e maltratado do Estado”. Isso conseguirá induzi-los? Pode dar certo? Não; não vai dar certo. Mas não são esses jovens livres quando me respondem, como certamente o farão: “Não, Mestre, não o faremos, e não podemos cometer a loucura de trabalhar duro apenas para ganhar o desprezo, porque o desprezo é em si mesmo contrário e doloroso para a nossa natureza.” Isso é precisamente paralelo ao que os presbiterianos entendem por incapacidade de vontade para todo o bem espiritual. Esses jovens têm os dedos para realizar o trabalho proposto, digamos de escrever, pelo qual os convido a trabalhar para ganhar o desprezo. *Eles têm olhos e dedos para fazer caligrafia, mas não podem escolher livremente minha oferta, porque contradiz aquele princípio de sua natureza, o amor ao aplauso, que regula infalivelmente a livre preferência e escolha humana.* Aqui está um caso exato de “incapacidade de vontade”. Se, agora, a queda do homem trouxe para sua natureza um princípio ou disposição nativa contra a piedade, e a favor da vontade própria, contra Deus, então um caso paralelo de incapacidade de vontade se apresenta.

A escolha do homem natural em preferir sua

vontade própria à autoridade de Deus é igualmente livre e igualmente certa. Mas a total falta de capacidade de vontade para com Deus não suspende a responsabilidade do homem, porque é o resultado de sua própria livre disposição, não de qualquer compulsão de fora. Se um senhor exigisse que seu servo fizesse um ato corporal para o qual ele naturalmente não tivesse a faculdade corporal, como, por exemplo, arrancar um carvalho saudável com as mãos, seria injusto punir o fracasso do servo. Mas este é um caso totalmente diferente do pecador. Pois, se sua disposição natural para com Deus fosse o que deveria ser, ele não se encontraria privado das faculdades naturais pelas quais Deus é conhecido, amado e servido. *O caso do pecador não é de extinção de faculdades, mas de sua completa perversão deliberada.* É exatamente como o caso dos irmãos ímpios de José, de quem Moisés diz: “Vendo, pois, seus irmãos que o pai o amava mais que a todos os outros filhos, odiaram-no e já não lhe podiam falar pacificamente” (Gn 37:4). Eles tinham línguas em suas bocas? Sim! Eles podiam falar com palavras o que quisessem, mas o ódio, o perverso princípio voluntário, assegurava que eles não falariam e não poderiam falar e

tratar gentilmente com seu irmão inocente.

Agora, então, todo o argumento gira em torno da pergunta: “É assim que, desde a queda de Adão, a disposição natural de todos os homens está neste estado de inimizade fixa e decisiva contra a vontade de Deus, e preferência fixa e inexorável por sua própria autoestima?” É verdade que o homem está neste estado lamentável, que enquanto ainda é capaz de se dispor corretamente a diversas virtudes e deveres, seu coração está inexoravelmente indisposto e se opõe deliberadamente aos deveres que ele deve ao seu Pai celestial? Essa é a questão!

Sua melhor e mais curta prova seria o apelo direto à consciência de cada homem. Eu sei que foi assim comigo por dezessete anos, até que a mão todopoderosa de Deus tirou o coração de pedra e me deu um coração de carne. Todo homem convertido confessa o mesmo de si mesmo. Todo homem não convertido sabe muito bem que agora é verdade para si mesmo, se ele permitir que seu julgamento e consciência olhem honestamente para dentro. Incrédulo, você pode às vezes desejar até mesmo sinceramente a segurança de que não vai para o inferno e as outras vantagens egoístas

da vida cristã; mas você já preferiu e desejou essa vida por si mesma? Você já viu o momento em que você realmente desejou que Deus subjugasse toda a sua vontade própria à Sua santa vontade? Eu acredito que não! Essa é a coisa que a disposição secreta de sua alma totalmente se ressentir e rejeita. A retenção dessa vontade própria é exatamente o que você prefere tão obstinadamente que pretende retê-la e apreciá-la, mesmo com o conhecido risco de uma morte despreparada e uma terrível perdição. Mas acrescentarei outras provas deste fato terrível; especialmente o testemunho expresso do Espírito Santo.

Existe o fato universal de que todos os homens pecam deliberadamente. Na vida da maioria dos homens não renovados, o pecado reina predominantemente. A grande maioria é desonesta, injusta, egoísta, cruel, tanto quanto ousa ser, mesmo com seus semelhantes. Os casos como o da jovem bem-educada, descrito acima, são relativamente poucos. Este terrível reino do pecado neste mundo continua apesar de grandes obstáculos, como os julgamentos e ameaças de Deus, e esforços laboriosos para contê-lo, por meio

dos governos, leis, penalidades restritivas, escolas, disciplina familiar e igrejas. Esse pecado dos seres humanos começa mais ou menos assim que as faculdades da criança são desenvolvidas de modo a qualificá-la para pecar intencionalmente. Os ímpios se desviam assim que nascem, falando mentiras.

Até o grande filósofo racionalista *Emmanuel Kant* acreditava e ensinava essa doutrina. Seu argumento é que, quando os homens agem no conjunto e nas massas nacionais, eles mostram suas reais disposições nativas, porque nessas ações simultâneas eles não são restringidos pela opinião pública e pelas leis humanas que restringem as ações individuais. As ações dos homens em conjunto, portanto, mostram o que realmente é o coração do homem. Agora, então, qual é a moral das nações em relação umas às outras e a Deus? Simplesmente que todos são raposas, lobos, tigres e ateus. Que senado nacional realmente e humildemente tenta agradar e obedecer a Deus em seu tratamento com as nações vizinhas? Embora a nação possa incluir muitas pessoas tementes a Deus e justas, quando é que essa nação é vista a renunciar a uma agressão lucrativa sobre os fracos, simplesmente porque é injusta diante de

Deus? Essas perguntas são irrespondíveis.

Em terceiro lugar, todos os homens naturais, tanto os decentes e gentis quanto os vis, mostram essa oposição absoluta de coração à vontade de Deus e preferência pela vontade própria em alguns atos pecaminosos e na rejeição do evangelho. Isso eles fazem invariavelmente, conscientemente, voluntariamente e com total obstinação, até que sejam dispostos pelo poder de Deus. Eles sabem, com perfeita clareza, que os requisitos do evangelho, de fé, confiança, arrependimento, esforços por obediência sincera, oração, louvor, são corretos. Objetos ou estímulos externos são constantemente apresentados às suas almas. Esses objetos incluem o amor indescritível de Deus em Cristo ao dar seu Filho para morrer por seus inimigos, o que deve derreter o coração em gratidão em um instante; as vantagens e bênçãos inexprimíveis de um céu infinito, garantido pela fé imediata, e os horrores indizíveis e infinitos de um inferno eterno, incorrido pela incredulidade final e arriscado a um grau terrível, mesmo por hesitação temporária. E estas últimas considerações apelam não apenas à consciência moral, mas ao egoísmo natural que permanece em

pleno vigor nos incrédulos.

Nem as dúvidas sobre essas verdades do evangelho, mesmo que sinceras e razoavelmente fundamentadas até certo ponto, podem explicar ou desculpar essa negligência. Pois a fé, a obediência, a adoração e o amor de Deus são evidentemente corretos e bons para os homens, sejam esses terríveis fatos do evangelho verdadeiros ou não.

Os homens sábios sempre agem, como são moralmente obrigados a fazer, do lado seguro, sob a orientação de até mesmo uma pequena probabilidade. Por que os homens que duvidam não agem assim no lado seguro, mesmo se fosse um caso duvidoso (o que não é)? Porque suas disposições são absolutamente fixas e determinadas contra a piedade. Agora, que resultado vemos da aplicação constante desses imensos persuasivos aos corações dos homens naturais? Eles invariavelmente os adiam; às vezes à custa de inquietação ou agitação temporária, mas eles infalivelmente os adiam, preferindo, enquanto ousam, gratificar a vontade própria. Geralmente eles fazem essa escolha horrível e suicida com total frieza, rapidez e facilidade! Eles tentam esconder de suas próprias

consciências a loucura e a maldade de sua decisão pelo fato de poderem fazê-lo de forma tão fria e insensível. Meu bom senso me diz que esta mesma circunstância é a prova mais terrível e medonha da realidade e poder do pecado original neles. Se isso não os tivesse cegado, ficariam horrorizados com a própria frieza com que podem ultrajar a si mesmos e a seu Salvador.

Mas a grande prova é a Escritura. A Bíblia inteira, de Gênesis a Apocalipse, afirma este pecado original e impiedade decisiva da vontade de todos os homens caídos. Nos é dito em Gênesis 6:3: “O meu Espírito não agirá para sempre no homem, pois este é carnal”. Também nos é dito no capítulo 6, versículo 5: “Viu o Senhor que a maldade do homem se havia multiplicado na terra e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração”. Mesmo após os terrores do dilúvio, o veredicto de Deus sobre os sobreviventes ainda era o mesmo: “Não tornarei a amaldiçoar a terra por causa do homem, porque é mau o desígnio íntimo do homem desde a sua mocidade” (Gn 8:21).

Jó, provavelmente o primeiro escritor sagrado, pergunta: “Quem da imundícia poderá tirar coisa pura? Ninguém!” (Jó 14:4) Davi diz: “Eu nasci na iniquidade, e

em pecado me concebeu minha mãe” (Sl 51:5). O grande profeta nos pergunta: “Pode, acaso, o etíope mudar a sua pele ou o leopardo, as suas manchas? Então, poderíeis fazer o bem, estando acostumados a fazer o mal” (Jr 13:23). Ele também nos diz: “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá?” (Jr 17:9).

No Novo Testamento Cristo diz em João 3:5,6: “O que é nascido da carne é carne”; e “quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus”. Os corações dos fariseus (homens aparentemente decentes) são como sepulcros caiados, que parecem belos por fora, mas por dentro são caixões cheios de ossos mortos e de toda impureza. Por acaso, Cristo exagera e calunia essas pessoas “decentes”?

Pedro nos diz em Atos 8:23, que o crente espúrio está “em fel de amargura e laço de iniquidade”. Paulo também nos diz em Romanos 8:7 que “o pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar”. Isso demonstra a incapacidade da vontade. Por acaso, todos esses versículos não são suficientes para te convencer de tal verdade?



*A Natureza e a
Agência da Revolução
Moral, Chamada
Eficaz ou Regeneração*

Essa mudança deve ser mais do que uma reforma externa da conduta; uma revolução interna dos primeiros princípios que regulam a conduta, deve ser mais profundo do que uma mudança de propósito quanto ao pecado e à piedade; *deve ser uma inversão das disposições originais que até então motivaram a alma para escolher o pecado e rejeitar a piedade.* Nada menos

fundamenta uma verdadeira conversão. Assim como a criança gulosa pode ser persuadida pelo medo egoísta da dor e da morte a renunciar às guloseimas que ama e a engolir as drogas nauseantes que seu paladar detesta, o homem ímpio pode ser induzido por sua justiça própria e medo egoísta do inferno a abster-se dos pecados que ele ainda ama e submeter-se aos deveres religiosos que sua alma secreta ainda detesta.

Mas, como uma prática não é uma cura real do vício da gula na criança, assim também o medo das consequências não é uma conversão real à piedade no pecador. A criança não deve apenas abandonar, mas realmente não gostar de suas guloseimas insalubres; não apenas se submeter a engolir, mas realmente amar, os remédios naturalmente nauseantes para ele. O medo egoísta pode fazer o primeiro; mas para gerar os afetos necessários, nada além de uma mudança fisiológica de constituição pode fazer isso. O homem natural não deve apenas submeter-se por medo egoísta à piedade que ele detestava, ele deve amá-la por si mesma e odiar os pecados naturalmente doces para ele. Nenhuma mudança pode ser permanente que não seja tão profunda; nada menos do que isso é a verdadeira

conversão.

O chamado de Deus para o pecador é: “Dá-me, filho meu, o teu coração” (Pv 23:26). Deus requer verdade nas partes internas e nas partes ocultas: “Pois o Senhor conhece o caminho dos justos” (Sl 1:6). “Circuncidai, pois, o vosso coração e não mais endureçais a vossa cerviz” (Dt 10:16). Ouça a Cristo: “Ou fizeti a árvore boa e o seu fruto bom ou a árvore má e o seu fruto mau; porque pelo fruto se conhece a árvore” (Mt 12:33).

Chamamos a revolução interior dos homens de regeneração, e resulta em mudança de vida. A regeneração é um ato sumário, a conversão um processo contínuo. A conversão começa e prossegue constantemente da regeneração, assim como o crescimento contínuo de uma planta a partir do primeiro broto ou aceleração de sua semente seca. Na conversão, a alma renovada é um agente ativo. O homem convertido escolhe e põe em prática a nova vida de fé e obediência, de todo o coração, e livremente inspirado pelo Espírito Santo. Nosso chamado é para desenvolver a nossa “salvação com temor e tremor” (Fp 2:12).

Mas manifestamente na regeneração, na revolução

inicial da disposição, a alma não age, pois é somente receptora da graça de Deus. Neste primeiro ponto não pode haver cooperação da vontade do homem com o poder divino. A agência é totalmente de Deus, e não do homem, mesmo em parte. A mudança vital deve ser afetada pelo poder divino, direto e imediato. O toque de Deus aqui pode ser misterioso; mas deve ser real, pois é comprovado pela mudança de vida. A obra deve ser soberana e sobrenatural. Soberana no sentido de que não há vontade envolvida em sua efetivação, exceto de Deus, porque a vontade do pecador vai contra ela, até que seja renovada. Sobrenatural, porque não há nada na natureza humana pecaminosa para iniciar tal agir de Deus, pois toda a disposição natural do homem é preferir e permanecer em um estado sem Deus.

Em nossa segunda seção, mostramos indiscutivelmente que a disposição e a vontade naturais do homem são inimizadas contra Deus. A inimizade se transforma em amor? A natureza pode agir acima da natureza? O fluxo pode elevar-se a um nível mais alto do que sua própria fonte? Nada pode ser mais claro do que isso, que, uma vez que a disposição e a vontade nativas do homem são total e decisivamente contra a

piedade, não há fonte dentro do homem da qual a nova vontade piedosa possa vir. Então, se no homem convertido ela veio; conclui-se que ela deve ter vindo de fora, unicamente da vontade divina.

Mas os homens se enganam com a noção de que o livre-arbítrio é escolher responder a estímulos externos válidos colocados diante dele, de modo que o livre-arbítrio racional pode cooperar com a verdade, para que assim, a grande mudança possa se originar com a ajuda do homem ao invés da ação unicamente soberana e eficaz da graça divina. Agora, qualquer mente simples, se pensar, pode ver que isso é ilusório. Qualquer tipo de objeto é um incentivo real para qualquer tipo de agente? Não! Por acaso, a grama fresca é um incentivo para um tigre? A carne ensanguentada é um incentivo para um cordeiro comer? Uma droga nauseante é um estímulo ao paladar de uma criança? Manifestamente, alguns tipos de objetos são apenas incentivos para determinados tipos de agentes; e os objetos opostos são repelentes. Essa é a resposta do bom senso. Agora, o que decide qual classe de objetos deve atrair e qual deve repelir? *Obviamente, são as próprias disposições originais e subjetivas dos agentes que determinam isso.* É a natureza do

cordeiro que determina que a grama fresca, e não a carne ensanguentada seja atrativo para ele. É a natureza humana na alma que determina que o ganho útil, e não a perda inútil, seja um incentivo para o mercador.

Por isso, para influenciar um homem por meio de indução, você deve selecionar um objeto que sua própria disposição natural fez atraente para ele; pois pressionando os objetos opostos sobre ele, você apenas o repelirá. A apresentação dos objetos nunca pode reverter a disposição natural do homem, porque esta determinou de antemão quais objetos serão atrativos e quais repelidos. Os efeitos não podem reverter as próprias causas das quais eles próprios dependem.

Os fatos e as Escrituras nos ensinam, que a disposição original do homem é livre e inteiramente contra a vontade e piedade de Deus e a favor da vontade própria e do pecado. Portanto, a piedade nunca pode ser por si mesma uma indução, mas apenas repulsão, para a alma não regenerada. Os homens enganam a si mesmos; eles pensam que são induzidos pelas vantagens egoístas de um céu imaginário e por uma fuga egoísta do inferno imaginário. Mas isso não é regeneração; são apenas as tristezas do mundo que

produzem a morte, e a esperança do hipócrita que perece.

Os diferentes efeitos do mesmo evangelho sendo pregado no mesmo tempo e no mesmo lugar provam que a regeneração é da graça soberana, pois alguns creem e alguns não (At 17:4,5). Essa diferenciação é porque alguns creem, porque foram “destinados para a vida eterna” (At 13:48). Frequentemente, permanecem inalterados, aqueles cujas virtudes sociais, bons hábitos e amabilidade deveriam oferecer menos obstrução ao evangelho; enquanto alguns pecadores velhos, profanos, sensuais e endurecidos tornam-se verdadeiramente convertidos. Tal verdade contradiz a nossa mentalidade, pois muitas vezes pensamos que a maldade e hábitos de pecado, deveriam apresentar uma maior obstrução à verdade do evangelho.

Causas semelhantes devem produzir efeitos semelhantes. Se os incentivos externos do evangelho fossem as causas reais, esses resultados de conversão nos mais imundos seriam impossíveis. Os fatos mostram que os incentivos do evangelho eram apenas instrumentos, e que na conversão real a graça do Todo-Poderoso é quem comanda.

A teoria errônea da conversão é novamente poderosamente refutada por aqueles casos, frequentemente vistos, nos quais a verdade do evangelho permaneceu impotente sobre certos homens por dez, vinte ou cinquenta anos, e finalmente pareceu prevalecer para sua conversão genuína. O evangelho, instigado pelos lábios ternos de uma mãe, mostrou-se fraco demais para vencer a vontade própria do coração do menino. Cinquenta anos depois, aquele mesmo evangelho converteu um velho endurecido! Existem duas leis bem conhecidas da alma humana que mostram que isso é impossível. Uma é que os fatos e induções muitas vezes, mas infrutiferamente, apresentados à alma, tornam-se fracos e banais pela vã repetição. A outra é que as apetências ativas dos homens [desejos] se fortalecem continuamente por sua própria indulgência.

Eis então o caso: O evangelho, quando apresentado ao menino sensível, deve ter tido muito mais força do que poderia ter para o velho depois de ter se tornado obsoleto para ele por cinquenta anos de vã repetição. O amor do velho pelo pecado deve ter se tornado muito mais forte do que o do menino por cinquenta anos de indulgência constante. Agora, como é que uma

determinada influência moral que era muito fraca para superar a pecaminosidade do menino superou a carnalidade do velho, quando as influências se tornaram muito mais fracas e a resistência a ela muito mais forte? Isto é impossível para nós. Por isso, devemos concluir que foi o dedo de Deus, e não a mera influência moral, que operou a poderosa mudança.

Suponhamos que há cinquenta anos o leitor me tenha visto visitar seu santuário rural, quando os grandes carvalhos que agora o sombreiam eram apenas mudas ágeis. Ele me viu fazer um esforço para arrancar um deles com as mãos; mas provou ser muito forte para mim. Cinquenta anos depois, ele e eu nos encontramos no mesmo local, e ele me vê repetir minha tentativa com a mesma árvore, sendo agora a monarca do bosque. Ele rirá de mim com desprezo e dirá: “Ele tentou tirar essa mesma árvore cinquenta anos atrás, quando estava no auge da juventude e era apenas uma muda, mas não conseguiu movê-la. Será que o velho tolo pensa em tirá-la de seu assento agora, quando a idade diminuiu tanto seu músculo, e tal árvore cresceu e se tornou uma árvore poderosa? Mas suponhamos que o leitor tenha visto aquela árvore gigante do bosque

surgir em minhas mãos envelhecidas. Ele não iria mais rir. Ele ficaria impressionado. Ele concluiria que esta deve ser a mão de Deus, não do homem. Quão inútil é tentar quebrar a força dessa demonstração dizendo que, finalmente, a influência moral do evangelho recebeu adesão suficiente das circunstâncias presentes, da clareza e eloquência da apresentação, para capacitá-la a fazer seu trabalho! Que eloquência posterior do púlpito pode rivalizar com a da mãe cristã apresentando a cruz nos ternos acentos do amor? Mais uma vez, a história da cruz, as atrações do céu, devem ser imensas, mesmo quando contadas nas palavras mais simples da infância.

Mas a prova mais segura é a das Escrituras. A Bíblia, em toda parte afirma que a regeneração do pecador é pela graça soberana e onipotente. Uma gama de textos apresenta a condição anterior do pecador. Éramos “obscurecidos” (Ef 4:18); detentores de um “coração de pedra” (Ez 36:26); “fracos” (Rm 5:6); inimigos de Deus (Rm 8:7) e incapazes (Jo 6:44). Que ninguém diga que essas são apenas “figuras de linguagem”. Certamente o Espírito Santo, ao recorrer a figuras com o propósito de dar uma expressão mais contundente à verdade, não recorre a uma retórica enganosa! Certamente Ele

seleciona suas figuras por causa do paralelo correto entre elas e a verdade! Agora, então, o cego não pode participar da própria operação que abrirá seus olhos. A pedra dura não pode ser fonte de suavidade. O paralítico indefeso não pode começar sua própria restauração. A inimizade contra Deus não pode escolher amá-lo. O cadáver de Lázaro não poderia ter nenhum agente para trazer de volta o espírito para si. Somente depois que o poder onipotente de Cristo restaura, o homem vivo pode responder à ordem do Salvador de levantar-se e sair.

Os números que descrevem a mudança todopoderosa provam a mesma verdade. É descrito (Sl 119:18) como abertura dos olhos cegos à lei; como uma nova criação; (Sl 10; Ef 2:5) como um novo nascimento; (Jo 3:3) como uma vivificação, ressurreição ou tornar vivo (Ef 1:18; 2:10). O cego de catarata não se une ao cirurgião para ajeitar seu próprio olho.

A madeira é moldada pelo carpinteiro; ela não se molda a si mesmo e não se torna um instrumento até que ele lhe dê a forma desejada. A criança não se procria, mas deve nascer de seus pais para se tornar um agente vivo. O cadáver não devolve a vida a si mesmo; depois

que a vida é restaurada por Outro, torna-se um agente vivo novamente. As escrituras mencionadas ensinam a mesma doutrina. Em Jeremias 31:18, Efraim é ouvido orando assim: “Converte-me, e serei convertido, porque tu és o SENHOR, meu Deus”. Em João 1:13, somos ensinados que os crentes “não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus”. Em João 6:44, Cristo nos assegura que “Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer”. E no capítulo 15, versículo 16, nos é dito: “Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros”. Em Efésios 2:10 nos é dito: “Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas”.

Objeta-se que esta doutrina da graça onipotente destruiria o livre-arbítrio do homem. Isso não é verdade. Todos os homens que Deus não regenera mantêm sua liberdade natural intacta por qualquer coisa que Ele lhes faça. É verdade que estes usam sua liberdade, tão invariavelmente quanto voluntariamente, escolhendo sua vontade própria e estado não regenerado. *Mas, ao fazer isso, eles escolhem em*

perfeito acordo com sua própria preferência, e esse é o único tipo de livre-arbítrio conhecido pelos homens de bom senso. Os não regenerados escolhem exatamente o que preferem e, portanto, escolhem livremente; mas enquanto não forem renovados pela graça onipotente, eles sempre preferem permanecer não regenerados, porque é a natureza do homem caído.

Os verdadeiramente regenerados não perdem seu livre-arbítrio pelo chamado eficaz, mas recuperam uma liberdade mais verdadeira e mais elevada; pois o poder onipotente que os renova não os força a uma nova linha de conduta contrária às suas próprias preferências, mas transforma a própria disposição original que regula a preferência. Sob essa disposição renovada, eles agora agem tão livremente quanto quando eram pecadores voluntários, mas de maneira muito mais sábia e feliz. Pois eles agem de acordo com a nova e correta preferência, que a graça onipotente colocou no lugar da antiga.

Objeta-se, novamente, que a menos que o agente tenha exercido seu livre-arbítrio na primeira escolha ou

adoção do novo estado moral, não poderia haver qualidade moral e nenhum crédito para a série de ações que procedem dele, porque tais ações não seriam voluntárias. Isso é expressamente falso. É verdade que o pecador recém-convertido não pode reivindicar nenhum mérito pela soberana mudança de vontade na qual sua conversão gerou, porque não foi sua própria escolha ou ação, mas de Deus.

A única questão a ser considerada é se suas ações são sinceras e se suas expressões são provindas de uma disposição correta, pois:

1. Se esse não fosse o caso, conclui-se que Adão não poderia ter créditos por sua moralidade; pois nos é expressamente dito que Deus “o criou reto” (Ec 7:29).

2. Jesus não poderia ter nenhuma moral meritória, porque sendo concebido do Espírito Santo, Ele nasceu em perfeita santidade (Mt 1:20; Lc 1:35)

3. O próprio Deus não poderia ter santidade meritória, porque Ele era e é eterna e imutavelmente santo. Aqui, então, essa objeção miserável esbarra em blasfêmia real.



Eleição de Deus

Em nossa Confissão, Capítulo III, Seção III, versículos 3, 4 e 7, temos esta descrição:

III. “Pelo decreto de Deus e para manifestação da sua glória, alguns homens e alguns anjos são predestinados para a vida eterna e outros preordenados para a morte eterna”.

IV. “Esses homens e esses anjos, assim predestinados e preordenados, são particular e imutavelmente designados; o seu número é tão certo e definido, que não pode ser nem aumentado nem diminuído”.

VII. “Segundo o inescrutável conselho da sua

própria vontade, pela qual ele concede ou recusa misericórdia, como lhe apraz, para a glória do seu soberano poder sobre as suas criaturas, o resto dos homens, para louvor da sua gloriosa justiça, foi Deus servido não contemplar e ordená-los para a desonra e ira por causa dos seus pecados”.

A primeira e a segunda seções deste livro provam absolutamente este fato triste, de que nenhum pecador jamais pode se regenerar. Uma razão suficiente é que ninguém jamais deseja fazê-lo, mas sempre prefere, permanecer como está, obstinado e mundano. Ou seja, nenhum pecador jamais se obriga a escolher Deus e a santidade, porque cada princípio de sua alma vai infalivelmente decidir a preferência oposta. Portanto, sempre que um pecador é verdadeiramente regenerado, deve ser Deus quem o fez.

Observe que, depois de Deus ter feito isso, este pecador recém-nascido irá, em seu curso subsequente de arrependimento e conversão, livremente demonstrar muitas escolhas voltadas para Deus e para a santidade; mas é impossível que este pecador possa ter feito a primeira escolha para reverter seus próprios princípios naturais de escolha. Uma criança pode gerar

seu próprio pai? Por isso, é Deus quem muda o pecador.

Então, quando Ele muda tal pecador, podemos concluir que Ele pretendia assim fazê-lo. Quando esta intenção de o regenerar nasceu na mente divina? No dia em que o pecador nasceu? No dia em que Adão foi feito? Não! Essas respostas são todas tolas. Porque Deus é onisciente e imutável, Ele conhece desde a eternidade sua própria intenção. Sendo onisciente, é impossível que Ele venha a descobrir depois alguma coisa que Ele não sabia desde o início. Sendo onisciente, é impossível que Ele adote um propósito para o qual seu conhecimento não veja uma razão. Sendo todopoderoso, é impossível que Ele falhe em tentar realizar um de seus propósitos. Portanto, tudo o que Deus faz, Ele pretendia fazer isso desde a eternidade. Sendo imutável, é impossível que Ele mude sua mente para um propósito diferente depois de ter feito isso corretamente sob a orientação de infinito conhecimento, sabedoria e santidade.

Toda a sabedoria inferior dos homens bons apenas ilustra isso. Aqui está um general sábio e justo conduzindo uma guerra defensiva para salvar seu país. No meio do verão, um observador lhe diz: “General,

“você não mudou seu plano de campanha desde que começou?” Ele responde: “Eu mudei sim!” Diz o observador: “Então você deve ser uma pessoa inconstante?” Ele responde: “Não, mudei não porque fui inconstante, mas por dois motivos: porque fui incapaz e falhei em alguns dos pontos necessários do meu primeiro plano; e segundo, descobri coisas que não sabia quando comecei”. Dizemos que isso é perfeito senso comum, e livra o general de toda acusação de inconstância. Mas suponha que ele fosse, de fato, todopoderoso e onisciente? Então ele não poderia usar essas desculpas, e caso ele mudasse seu plano depois do começo, ele seria taxado como inconstante.

Leitor, você ousa acusar Deus de inconstância? Esta é uma concepção sublime da natureza e das ações de Deus, tão acima das do homem mais sábio quanto os céus estão acima da terra. Mas é o que nos é ensinado em toda parte nas Escrituras. Tenhamos cuidado como em nosso orgulho de obstinação blasfemamos contra Deus, negando-o.

Terceiro, os próprios arminianos admitem a força dessas escrituras; pois seus livros doutrinários admitem expressamente a eleição pessoal particular de Deus de

cada pecador que chega ao céu. Muitas pessoas ignorantes supõem que a teologia arminiana nega toda eleição particular. Este é um erro estúpido. Ninguém pode negá-la sem atacar as Escrituras, as perfeições de Deus e o bom senso. Toda a diferença entre presbiterianos e arminianos inteligentes é esta: Acreditamos que a eleição de indivíduos por Deus é incondicionada e soberana. Eles acreditam que, embora eterno e particular, é por causa da previsão eterna e onisciente de Deus, da futura fé e arrependimento do pecador, e perseverança na vida santa. Mas nós presbiterianos devemos discordar por estas razões: É inconsistente com a eternidade, onipotência e soberania, representar seus propósitos eternos, fundamentados ou condicionados em qualquer coisa que uma de suas criaturas dependentes faria ou deixaria de fazer.

Essa criatura existirá ou não no futuro para fazer ou deixar de fazer alguma coisa em particular? Isso em si deve depender do poder soberano de Deus. Não devemos fazer um Deus independente depender de sua própria criatura dependente. Mas as Escrituras muitas vezes não representam a salvação ou ruína dos

pecadores como condicionados à sua própria fé ou incredulidade? Sim! Mas não confunda duas coisas diferentes. O resultado ordenado por Deus pode depender dos meios adequados. Mas os atos da mente de Deus em ordená-lo não dependem, porque o próprio propósito de Deus é este, trazer os meios sem falha e o resultado pelos meios.

Em seguida, se a eleição de Deus de um determinado pecador, digamos, Saulo de Tarso, esteja condicionada ou não à previsão de sua fé, se for uma previsão eterna e onisciente, deve ser certa. O bom senso diz: sem causa, sem efeito; uma causa incerta só pode dar um efeito incerto. Diz o arminiano: “Deus certamente previu que Saulo de Tarso acreditaria e se arrependeria e, portanto, o elegeu. Mas eu digo que se Deus certamente previu a fé de Saulo, deve ter sido certo que aconteceria, pois o Onisciente não pode cometer erros. Então, se a fé desse pecador certamente aconteceria, deve ter havido alguma causa certa para garantir que isso aconteceria. Agora, nenhuma causa certa poderia estar no “livre-arbítrio” deste pecador, Saulo, mesmo quando auxiliado pela “graça suficiente comum”. Pois os arminianos dizem que isso torna e

deixa a vontade do pecador contingente. Então, o que fez Deus pensar que este pecador, Saulo, certamente acreditaria e se arrependeria? Nada além da vontade eterna e soberana de Deus de renová-lo para a fé e o arrependimento.

Isso leva ao argumento de coroação. Saulo estava por natureza morto em delitos e pecados (Ef 2:1), e, portanto, nunca teria nele qualquer fé ou arrependimento a ser previsto, exceto como resultado do propósito de Deus de colocá-los nele. Mas o efeito não pode ser a causa de sua própria causa. A carroça não pode puxar o cavalo; pois é o cavalo que puxa a carroça. Isto é expressamente confirmado pelas Escrituras. Cristo diz: “Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça” (Jo 15:16). Em Romanos 9:11-13, Paulo nos diz: “E ainda não eram os gêmeos nascidos, nem tinham praticado o bem ou o mal (para que o propósito de Deus, quanto à eleição, prevalecesse, não por obras, mas por aquele que chama), já fora dito a ela: O mais velho será servo do mais moço. Como está escrito: Amei Jacó, porém me aborreci de Esaú”. Paulo ainda continua: “Assim, pois,

não depende de quem quer ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia”. Paulo aqui, combate tão de frente contra a noção da eleição condicional, que os arminianos eruditos se desesperam. Eles objetam: “Os nomes Esaú e Jacó não se deve ser entendido como sendo dois patriarcas individuais, mas como sendo duas nações, Edom e Israel, e que a predestinação foi apenas para a privação ou gozo dos meios da graça”.

Mas tal argumento é totalmente inútil:

Primeiro, porque certamente os patriarcas individuais acompanharam as duas posteridades que representavam.

Segundo, porque a discussão de Paulo neste nono capítulo se refere a indivíduos e não a raças. Se refere a salvação e perdição e não a meros privilégios da igreja.

Terceiro, porque a perdição da raça edomita de todos os meios do evangelho deve ter resultado na perdição dos indivíduos. Pois, “Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram?” (Rm 10:14).

Este é o lugar certo para notar o erro frequente quando dizemos que a eleição de Deus é soberana e não condicionada à sua previsão da piedade do homem

eleito. Muitos fingem pensar que ensinamos que Deus não tem nenhuma razão para sua escolha; que façamos disso um exemplo de capricho divino soberano! Não ensinamos tal coisa. Seria impiedade. Nosso Deus é sábio e justo demais para ter quaisquer caprichos. Ele tem um motivo razoável para cada um de seus propósitos; e sua onisciência lhe mostra que é sempre a melhor razão. Mas Ele não é obrigado a publicá-los para nós. Deus sabia que Ele tinha uma razão para preferir o pecador, Jacó, ao pecador Esaú. Mas esse motivo não poderia ter sido nenhum mérito previdente da piedade de Jacó por nenhum argumento, pois a escolha foi feita antes que os filhos nascessem. *Nunca houve qualquer piedade em Jacó para prever, exceto o que se seguiria como efeito da eleição de Jacó.* Esaú parece ter sido uma pessoa aberta, de boca dura e profana. Jacó, por natureza, um hipócrita mesquinho e sorrateiro. Portanto, em razão de merecimentos pessoais previstos, Deus nunca poderia ter elegido nenhum deles. Mas sua onisciência viu uma razão separada e independente pela qual era mais sábio fazer do pior homem o objeto de sua infinita misericórdia, deixando o outro à sua própria escolha profana.

O arminiano dirá que devo dizê-lo qual foi esse motivo? Eu respondo, não sei, Deus não me disse. Mas eu sei que Ele tinha uma boa razão, porque Ele é Deus.

Mais um argumento para a eleição permanece: Muitos seres humanos têm sua salvação ou ruína praticamente decidida por eventos providenciais em suas vidas. O argumento é que, como esses eventos são determinados soberanamente pela providência de Deus, a eleição de suas almas é fatalmente decidida. Tome dois exemplos: Aqui está um homem obstinado e impenitente que está com febre e já está delirando. Ele vai morrer ou ficar bom? A providência de Deus decidirá isso. “Em suas mãos está nosso fôlego, e dele estão todos os nossos caminhos” (Dn 5:23). Se ele morrer desta vez, está delirando demais para acreditar e se arrepender; se ele se recuperar, ele poderá participar de reuniões de avivamento e retornar a Deus. O outro exemplo é o de bebês moribundos. Isso é particularmente mortal para a teoria arminiana, porque eles dizem tão positivamente que todos os humanos que morrem na infância são salvos. (E eles nos caluniam, presbiterianos, alegando que não somos suficientemente positivos nesse ponto, e que

acreditamos na “condenação das crianças”). Bem, aqui está uma criança humana de três meses de idade. Morrerá de garupa ou viverá para ser um homem? A providência de Deus decidirá isso. Se morrer, o arminiano tem certeza de que sua alma foi para o céu e, portanto, foi eleito por Deus para ir para lá. Se for para se tornar um homem, o arminiano diz que pode exercer seu livre arbítrio para ser um Corá, Daltã, Abirão ou Judas. Mas a eleição do bebê que morre não pode ser fundamentada na previsão de Deus de sua fé e arrependimento, porque não havia ninguém para prever antes de entrar na glória. Se a pequena alma for redimida é somente por causa da graça soberana.

Mas há essa frase em nossa Confissão, Capítulo X, Seção III: “As crianças que morrem na infância, sendo eleitas, são regeneradas e por Cristo salvas, por meio do Espírito, que opera quando, onde e como quer; do mesmo modo são salvas todas as outras pessoas incapazes de serem exteriormente chamadas pelo ministério da palavra”. Nossos caridosos acusadores dirão que a antítese que sugerimos às palavras “crianças eleitas morrendo na infância” é que há crianças não eleitas morrendo na infância, morrendo e sendo

condenadas. Isso nós sempre negamos. Mas eles parecem saber o que pensamos melhor do que nós mesmos. A antítese implícita que mantemos é esta: Há bebês eleitos que não morrem na infância, e tais devem experimentar o chamado eficaz por meios racionais, e crer e se arrepender livremente de acordo com o Capítulo X.

Era uma vez dois bebês judeus, João e Judas; João um infante eleito, Judas um não eleito. Se João Batista tivesse morrido em sua infância, ele teria sido redimido sem fé e arrependimento pessoais; mas ele foi predestinado a viver até a idade adulta; então ele teve que ser salvo através de um chamado eficaz. Judas, sendo uma criança não eleita, também foi predestinado a viver até a idade adulta e receber seu próprio destino livremente por sua própria contumácia. Os presbiterianos não acreditam que a Bíblia ou sua Confissão ensine que existem crianças não eleitas morrendo e sendo condenadas na infância. Se eles tivessem pensado assim sobre a Confissão, eles teriam mudado esta seção há muito tempo.

Alguns dizem que quando Deus fez uma seleção para a salvação de alguns, Ele passou os olhos sobre os

outros. Não podemos negar isso sem imputar ignorância ou desatenção do agente; mas a onisciência não pode ser ignorante nem desatenta. Portanto, a pré-ordenação de Deus deve estender-se aos salvos e aos perdidos.

Mas aqui devemos entender a diferença entre o decreto efetivo de Deus e seu decreto permissivo, o último é tão definido e certo quanto o primeiro; mas a diferença é esta: Os objetos do decreto efetivo de Deus são efeitos que Ele mesmo opera, sem empregar ou incluir a livre ação de qualquer outra pessoa ou coisa. A natureza de seu propósito é exercida somente pelo poder de Deus.

Mas a natureza de seu decreto permissivo é esta: Ele resolve permitir que algumas de suas criaturas, livre e espontaneamente, façam a coisa decretada sem impulso do poder de Deus. A esta classe de ações pertencem todos os atos pecaminosos. Em todos esses resultados, Deus não faz nada para intervir, mas intencionalmente deixa que seja feito. Alguém pode perguntar como então um decreto permissivo pode sempre será realizado? A resposta é, porque Deus sabe que a disposição natural dos homens certamente os leva ao

mal. É da natureza dos cordeiros comer capim. Se deliberadamente deixo aberto o portão entre o aprisco e o pasto, sei que a grama será comida, e pretendo permitir isso tão claramente como se eu mesmo os tivesse empurrado sobre o pasto.

Agora, é inútil objetar que a vontade de Deus não pode ter nada a ver com resultados pecaminosos, mesmo neste sentido permissivo, sem fazer de Deus um autor do pecado, a menos que esses caviladores pretendam seguir no terreno infiel. Pois a Bíblia está cheia de afirmações de que Deus preordenou o pecado sem ser o autor dele. Ele preordenou a tirania e a rebelião do Faraó e depois o puniu por isso. Em Isaías 10, Ele preordena o saque de Jerusalém por Nabucodonosor e depois o pune por isso. Em Atos 2:23 o ímpio Judas traiu seu Senhor pelo determinado propósito e presciência de Deus. Nos é dito em Romanos 9:18, que “Ele tem misericórdia de quem quer e também endurece a quem lhe apraz”, assim em muitos outros lugares.

Mas nossa Confissão, Capítulo X, Seção VII, faz essa diferença expressa entre o decreto de eleição e de preterição de Deus. O primeiro é puramente gracioso,

não fundamentado em qualquer previsão de qualquer piedade nos homens. Mas os não eleitos são preteridos e predestinados à destruição “pelos seus pecados e para a glória da justiça de Deus”.

Vemos assim que as habituais denúncias inflamadas dessa preterição nada mais são do que loucuras e falsidades absurdas. Esses faladores vãos reclamam como se fosse a predestinação de Deus que faz esses homens irem para a perdição. Eles sozinhos se fazem ir, e o propósito de Deus em relação ao resultado miserável nunca vai uma partícula além disso, que em sua justiça Ele resolve deixá-los ter seu próprio caminho preferido. Esses homens falam como se o decreto de preterição de Deus fosse representado por nós como uma barreira que impede os pobres pecadores esforçados de chegar ao céu, não importa como eles se arrependam, orem e obedeçam, apenas porque eles não são os animais de estimação secretos de um capricho divino injusto.

A total insensatez e maldade dessas objeções são esclarecidas pelo fato de que a Bíblia em todos os lugares ensina que ninguém, exceto os eleitos e efetivamente chamados são os que sempre trabalham ou tentam seriamente chegar ao céu, enquanto os

perdidos nunca realmente desejam nem tentam ser santos, pois suas almas se opõem a isso, e eles preferem livremente permanecer ímpios, sendo essa a única causa de sua ruína. Se eles realmente se arrependessem, cressem e obedecessem, não encontrariam nenhum decreto que os excluísse da graça e do céu. Deus pode dizer isso assim como o pastor pode dizer dos lobos: “Se eles escolherem comer minha grama pacificamente com meus cordeiros, não encontrarão nenhuma cerca que os impeça de acessar minha grama”. Mas o pastor sabe que é sempre da natureza dos lobos escolher devorar os cordeiros em vez da grama, até que a graça irresistível os transforme em cordeiros.

A razão pela qual os homens ímpios criticam tão ferozmente esta parte da doutrina, e deturpam-na tão completamente, é exatamente pelo fato de que eles odeiam reconhecer que possuem uma alma impiedosa e teimosa, que os leva voluntariamente a trabalhar para sua própria ruína. Por isso, eles tentam jogar a culpa em Deus ou em sua doutrina em vez de assumirem a culpa.

Em suma, os homens incrédulos estão sempre se esforçando para pintar a doutrina da eleição como dura, exclusiva e terrível. Eles dizem que tal doutrina é um

obstáculo entre os pecadores e a salvação. Mas, devidamente visto, é exatamente o oposto. Não é uma doutrina dura, mas doce, não é uma doutrina exclusiva e nem é um obstáculo de nossa salvação, mas a entrada abençoada para toda a salvação encontrada neste universo. É o pecado, o pecado voluntário do homem, que o exclui da salvação; e neste pecado Deus não tem responsabilidade. É somente a graça de Deus que persuade os homens a entrar e permanecer em Cristo; e toda esta graça é fruto da eleição.

Repito, então, é nosso pecado voluntário que é a fonte de tudo o que é terrível. É a eleição da graça de Deus que é a fonte doce e abençoada de tudo o que é remediador, esperançoso e feliz na terra e no céu. Deus pode dizer a cada anjo e homem redimido no universo: “Eu te escolhi em amor eterno; por isso com benignidade te atraí”. E cada anjo e santo nesta terra e na glória pode responder, de acordo com nosso hino:

Por que fui feito para ouvir sua voz e entrar enquanto há espaço, enquanto outros fazem uma escolha miserável e preferem morrer de fome do que vir? Foi o mesmo amor que espalhou a festa, que docemente

me atraiu; Caso contrário, eu ainda me recusaria a provar e pereceria em meu pecado.

E agora ousa qualquer pecador insolentemente fazer a pergunta: por que o mesmo amor e poder de Deus não incluiu e salvou todos os pecadores perdidos? Esta é a resposta suficiente e terrível: “Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?!” (Rm 9:20). Você tem alguma reivindicação de direito contra Deus, ó homem, para forçá-lo contra sua preferência e escolha obstinada a abraçar uma redenção que você odeia e rejeita voluntariamente em todos os poderes secretos de sua alma?

Outros insistem na objeção capciosa de que essa doutrina da eleição coloca um obstáculo fatal entre o pecador ansioso e a fé salvadora. Eles perguntam: “Como posso exercer uma fé sincera e apropriada, a menos que tenha certeza de que fui eleito? Pois a alma réproba não tem o direito de acreditar que Cristo morreu por ela, e como sua salvação é impossível, a fé que ele acredita ter não poderia salvá-lo. Por isso, como pode o homem ter certeza do propósito secreto da eleição de Deus para com ele?”

Esta objeção falsifica expressamente os

ensinamentos de Deus sobre a salvação pela fé. Quanto à sua eleição, o pecador não é ordenado nem convidado a abraçar como objeto de sua fé a proposição “Eu sou eleito”. Não existe tal mandamento na Bíblia. A proposição que ele é convidado e ordenado a abraçar é esta: “Quem crer e for batizado será salvo” (Mc 16:16). Deus disse expressamente: “As coisas encobertas pertencem ao SENHOR, nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem, a nós e a nossos filhos, para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei” (Dt 29:29). Não vamos criticar, mas obedecer. As promessas de Deus também nos asseguram que todo aquele que vem a Deus por meio de Cristo, de modo algum será rejeitado (Jo 6:37). De modo que é impossível que qualquer pecador que realmente deseje ser salvo possa ser impedido de salvação pela incerteza sobre sua própria eleição.

Quando dizemos que o decreto de Deus de modo algum infringe o livre arbítrio do homem, nossa resposta está completa. A Confissão de Fé de Westminster, Capítulo III, Seção I afirma que: “Desde toda a eternidade, Deus, pelo muito sábio e santo conselho da sua própria vontade, ordenou livre e

inalteravelmente tudo quanto acontece, porém de modo que nem Deus é o autor do pecado, nem violentada é a vontade da criatura, nem é tirada a liberdade ou contingência das causas secundárias, antes estabelecidas”.

Mas é obstinadamente objetado que aqueles que estão sujeitos a um decreto soberano e imutável não podem ser agentes livres; que as duas proposições são contraditórias, e que a afirmação de ambas é um insulto à razão. Deus nos diz que ao governar suas criaturas racionais de acordo com seu propósito eterno, Ele usa apenas os meios que são consistentes com sua liberdade. Ainda assim, os opositores arrogantes têm certeza de que isso não pode ser feito, mesmo por um Deus infinito! Eles afirmam que se há predestinação, não pode haver livre-arbítrio. Certamente o homem que faz essa negação deveria ser ele mesmo infinito!

Mas, talvez, a melhor resposta para essa loucura seja esta: Sr. Arminiano, você, um mortal insignificante, está realmente fazendo, e isso muitas vezes, exatamente o que você diz que um Deus Todo-Poderoso não pode fazer! Predestinando os atos dos agentes livres, com certeza e eficiência, sem sua liberdade. Por exemplo: O

Sr. Arminiano me convida para almoçar com ele à uma da tarde. Eu respondo que sim, desde que o almoço seja pontual e certo, porque tenho que pegar um trem às duas da tarde. Ele promete positivamente que o jantar estará pronto à uma da tarde. Como assim, ele vai cozinhar sozinho? Oh não! Mas ele emprega uma cozinheira estável, chamada *Gretchen*, e já a instruiu que uma da tarde deve ser a hora do almoço. Isso é predestinação, ele me diz, certa e eficaz.

Agora retomo o argumento do Sr. Arminiano e o aplico a Gretchen assim: “Ele diz que a predestinação e a livre agência são contraditórias. Ele predestinou você, Gretchen, para preparar o almoço para uma hora, portanto você não era um agente livre para fazer o almoço na hora que quisesse. Além disso, como não pode haver mérito moral onde não há liberdade, você não merece seu salário prometido para cozinhar, e o Sr. Arminiano pensa que não é obrigado a pagar você”.

O bom senso de Gretchen responderia assim: “Eu sei que sou um agente livre; não sou uma escrava, não sou uma máquina, mas uma mulher livre e honesta, que preparei o almoço à uma hora porque optei por manter minha palavra; e se o Sr. Arminiano reter meu salário

com esse pretexto desagradável, saberei que ele é um patife”. A lógica de Gretchen é perfeitamente boa.

Meu argumento é que os homens estão perpetuamente predestinando e ao mesmo tempo são agentes livres. Quanto mais pode um Deus infinito fazer o mesmo. Mas esse raciocínio não precisa e não implica que as maneiras de Deus fazer isso são as mesmas que as nossas. Seus recursos de sabedoria e poder são múltiplos e infinitos. Assim, essa objeção popular se mostra irrelevante e superficial. É o orgulho pecaminoso da vontade dos homens que os faz repetir essas coisas superficiais.

Tendo explodido as objeções, eu agora encerro este argumento para a eleição com o mais forte de todos os testemunhos, as Escrituras. A Bíblia está cheia disso; todas as profecias de Deus implicam predestinação, porque, a menos que Ele tenha preordenado os eventos preditos, Ele não poderia ter certeza de que eles aconteceriam. A doutrina bíblica da providência de Deus prova a predestinação, porque a Bíblia diz que a providência se estende a tudo, é certa e onipotente, e só executa o que a predestinação planeja. Aqui estão alguns textos: “O conselho do SENHOR dura para sempre; os

desígnios do seu coração, por todas as gerações” (Sl 33:11). Em Isaias 46:10 nos é dito que Deus “desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade”. A eleição de Israel por Deus foi incondicional. Veja Ezequiel 16:6: “Passando eu por junto de ti, vi-te a revolver-te no teu sangue e te disse: Ainda que estás no teu sangue, vive; sim, ainda que estás no teu sangue, vive” Em Atos 13:48, lemos: “Os gentios, ouvindo isto... creram todos os que haviam sido destinados para a vida eterna”. Em Romanos 8:29,30 podemos ver que, “porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou”. “Ele nos escolheu nele (Cristo) antes da fundação do mundo” (Ef 1:4-7). Em 1 Tessalonicenses 1:4, Paulo nos diz: “reconhecendo, irmãos, amados de Deus, a vossa eleição”. Por último, nos é dito no livro de Apocalipse 21:27, que o acesso ao

céu é somente para os “inscritos no Livro da Vida do Cordeiro.”.

Pessoas tolas podem até dizer que a eleição é uma doutrina dura; somente do apóstolo Paulo. Mas o amoroso Salvador a ensina mais claramente, se possível, do que Paulo. Veja, novamente, o que nos é dito em João 15:16: “Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros”. João 6:37: “Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim”. Veja também Mateus 24:22; Lucas 18:7; João 10:14,28; Marcos 13:22 e Mateus 20:16.



Redenção Particular

“Cristo morreu apenas pelos eleitos ou por todos os homens?” A resposta a essa pergunta tem sido muito prejudicada por termos ambíguos, como “expição particular”, “expição limitada”, “expição geral”, “expição ilimitada” ou “expição indefinida”. O que os homens querem dizer com expição? A palavra (*atonement*) é usada apenas uma vez no Novo Testamento (Rm 5:11), e aí significa, exatamente a ideia de reconciliação. Vale então ressaltar que existe diferentes significados para reconciliação e expição. Entretanto, as pessoas continuamente misturam duas

ideias quando falam sobre a expiação: Uma é a *expiação* pela culpa fornecida no sacrifício de Cristo. A outra é a *reconciliação* individual de um crente com seu Deus, fundamentada naquele sacrifício feito por Cristo de uma vez por todas, mas efetivado somente quando o pecador crê e pela fé. A reconciliação deve ser individual, particular e limitada a este pecador que agora crê.

Mas o sacrifício, a expiação, é um ato único, glorioso e indivisível do divino Redentor, infinito e inesgotável em mérito. Se houvesse apenas um pecador eleito por Deus, todo esse sacrifício divino teria sido necessário para expiar sua culpa. Se cada pecador da raça de Adão tivesse sido eleito, o mesmo sacrifício seria suficiente para todos. Devemos absolutamente nos livrar do erro de que a expiação é um agregado de presentes a serem divididos e distribuídos ou um pedaço para cada receptor, como pedaços de dinheiro de uma bolsa para uma multidão de indigentes. A expiação de Cristo é um ato divino. É indivisível, inesgotável, suficiente em si mesmo para cobrir a culpa de todos os pecados que serão cometidos na terra. Este é o sentido abençoado em que o apóstolo João diz em 1 João 2:2: “Cristo é a

propiciação (a mesma palavra que expiação) pelos nossos pecados e não somente pelos nossos próprios, mas ainda pelos do mundo inteiro”.

Mas uma pergunta pode ser feita: “O sacrifício de Cristo é limitado pelo propósito e desígnio da Trindade”? A melhor resposta para os presbiterianos darem é esta: No propósito e desígnio da Divindade, o sacrifício de Cristo pretendia efetuar apenas os resultados, e todos os resultados, que seriam encontrados fluindo d’Ele na história da redenção. Digo que esta é exatamente a resposta que nós presbiterianos devemos dar, porque cremos na predestinação universal de Deus como certa e eficaz; de modo que todo o resultado final de seu plano deve ser a interpretação exata do que seu plano era a princípio. E esta afirmação o arminiano também é obrigado a adotar, a menos que ele pretenda acusar Deus de ignorância, fraqueza ou inconstância.

O sacrifício de Cristo certamente comprou para toda a raça humana um adiamento da condenação incorrida por nossos pecados, incluindo todas as bênçãos temporais de nossa vida terrena, todas as restrições do evangelho à depravação humana e a oferta

sincera do céu a todos. Pois, se não fosse por Cristo, a condenação do homem teria seguido instantaneamente após seu pecado, como aconteceu com os anjos caídos.

O sacrifício de Cristo, voluntariamente rejeitado pelos homens, coloca a teimosia, maldade e culpa de sua natureza em uma luz muito mais forte, para a glória da justiça final de Deus. O sacrifício de Cristo comprou e providenciou o chamado eficaz dos eleitos, com todas as graças que asseguram sua fé, arrependimento, justificação, perseverança e glorificação. Agora, uma vez que o sacrifício realmente resulta em todas essas diferentes consequências, elas estão todas incluídas no desígnio de Deus. Essa visão satisfaz todos os textos citados contra nós.

Mas não podemos admitir que Cristo morreu tão completamente e no mesmo sentido por Judas como morreu por Saulo de Tarso. Aqui somos obrigados a afirmar que, enquanto a expiação tem poder para ser infinita, a redenção é particular. Os fundamentos sobre os quais provamos que a redenção é particular são estes: Das doutrinas da eleição incondicional e da aliança da graça. (O argumento é um, pois o pacto da graça é apenas um aspecto da eleição). As Escrituras nos dizem

que aqueles que devem ser salvos em Cristo são um número definitivamente eleito e dado a Ele desde a eternidade para ser redimido por sua mediação. Como algo pode ser mais claro a partir disso do que o fato de que havia um propósito na expiação de Deus, para eles, além de que era para o resto da humanidade?

Veja as Escrituras. A imutabilidade dos propósitos de Deus (Is 46:10; 2 Tm 2:19.) Se Deus alguma vez pretendeu salvar qualquer alma em Cristo, essa alma certamente será salva (Jo 6:37-40; 10:27). Portanto, todos os que Deus pretendia salvar em Cristo serão salvos. Mas algumas almas nunca serão salvas; portanto, algumas almas, Deus nunca quis salvar pela expiação de Cristo. A força desse argumento dificilmente pode ser superestimada. A intenção da expiação deve ser afirmada para resgatar o poder, propósito e sabedoria de Deus.

O mesmo fato prova que a intercessão de Cristo é limitada (Jo 17:9-20). Sabemos que a intercessão de Cristo é sempre predominante (Rm 8:34; Jn 11:42). Se Ele intercedesse por todos, todos seriam salvos. Mas nem todos serão salvos. Portanto, há alguns por quem ele não pleiteia o mérito de sua expiação. Mas Ele é o mesmo

ontem, hoje e eternamente. Alguns pecadores (isto é, os eleitos) recebem de Deus dons de convicção, regeneração e fé; persuadindo e capacitando-os a abraçar a Cristo, e assim tornar sua expiação eficaz para eles mesmos, enquanto outros pecadores não. Mas essas graças são parte da redenção adquirida e concedida por meio de Cristo. Portanto, sua redenção destinava-se a afetar somente alguns, e não a todos.

A experiência prova o mesmo. Uma grande parte da raça humana já estava no inferno antes que a expiação fosse feita. Outra grande parte nunca ouviu falar disso. Mas a fé vem pelo ouvir (Rm 10:14-16), e a fé é a condição de sua aplicação.

“Ninguém tem maior amor do que este, de dar alguém a sua vida pelos seus amigos”. Mas o maior inclui o menor, de onde segue. Quando Deus Pai e Cristo nutrem por uma determinada alma o amor eletivo definido, a ponto de prover a salvação por meio do sacrifício no Calvário; não seria loucura que tal Deus recusasse os dons menos custosos do chamado eficaz e da graça sustentadora? Este é o próprio argumento de Romanos 10:10 e 8:31-39.

Portanto, é absolutamente impossível para nós reter

a doutrina de que Cristo morreu igualmente por todos. Somos compelidos a sustentar que Ele morreu por Pedro e Paulo em algum sentido em que não morreu por Judas. Nenhuma mente consistente pode sustentar o credo calvinista quanto à depravação total do homem em relação a Deus, sua incapacidade de vontade, o decreto de Deus, os atributos imutáveis de Deus de soberania e onipotência sobre agentes livres, onisciência e sabedoria, e não chegar a essa conclusão.

Em uma palavra, a obra de Cristo pelos eleitos não apenas os coloca em um estado salvífico, mas compra para eles uma salvação completa e segura. Para aquele que conhece a depravação e escravidão de seu próprio coração, menor redenção do que essa, não traria conforto.



A Perseverança dos Santos

Nossa Confissão, no Capítulo XVII, Seções I e II, declara esta doutrina assim: “Os que Deus aceitou em seu Bem-amado, os que ele chamou eficazmente e santificou pelo seu Espírito, não podem decair do estado da graça, nem total, nem finalmente; mas, com toda a certeza hão de perseverar nesse estado até o fim e serão eternamente salvos”. “Esta perseverança dos santos não depende do livre arbítrio deles, mas da imutabilidade do decreto da eleição, procedente do

livre e imutável amor de Deus Pai, da eficácia do mérito e intercessão de Jesus Cristo, da permanência do Espírito, da semente de Deus neles e da natureza do pacto da graça; de todas estas coisas vêm a sua certeza e infalibilidade”.

Peço ao leitor que avalie essas declarações com franqueza e atenção. O leitor logo descobrirá que não atribuímos essa estabilidade da graça no crente a qualquer excelência em sua própria alma, mesmo regenerada, como fonte e causa, mas a atribuímos ao propósito imutável e à graça eficaz de Deus habitando e operando neles. Todos os anjos e Adão receberam de seu Criador naturezas santas; no entanto, nosso primeiro pai e alguns anjos caíram totalmente no pecado. Ninguém em si mesmo é absolutamente incapaz de pecar, exceto o Deus imutável. Homens convertidos, que ainda têm pecado interior, certamente devem ser tão capazes de cair quanto Adão, que não tinha nenhum. Entretanto, cremos que os santos certamente permanecerão, porque o Deus que os escolheu certamente os sustentará. Não cremos que todos os crentes professos e membros da Igreja invisível certamente perseverarão e alcançarão o céu. Entretanto,

os outros caem fatalmente porque nunca tiveram a verdadeira graça.

Não ensinamos que qualquer homem tem o direito de acreditar que é justificado, especialmente o homem que usa a proposição, “uma vez na graça, sempre na graça”, continuar vivendo em pecado intencional e voluntário. Esta falsidade de Satanás nós abominamos. Dizemos que o fato de que esse homem iludido pode viver em pecado voluntário é a prova mais forte possível de que ele nunca foi justificado e nunca teve a graça renovadora. Por isso, nenhum crente sincero pode abusar dessa doutrina como pretexto para a segurança carnal. Deus, verdadeiramente, promete aos verdadeiros crentes uma perseverança na santidade, mas quem, exceto um idiota, poderia inferir dessa promessa o privilégio de ser profano?

Mais uma vez, não ensinamos que os crentes genuínos estão a salvo da apostasia, mas se forem descuidados e negligenciarem a oração, podem cair por algum tempo em tentações, pecados e perda de esperança e conforto, o que pode causar-lhes muita miséria e vergonha, e dos quais Deus, que mantém a aliança, os recuperará por castigos agonizantes e

profunda contrição.

Outro ponto é que na medida em que interesses próprios legítimos podem ser um motivo adequado para o esforço cristão, isso operará no presbiteriano sob a doutrina da perseverança, mais do que no arminiano com sua doutrina da não perseverança. O primeiro não pode dizer, eu não preciso ficar alarmado, embora eu esteja desviado; pois se ele é um verdadeiro crente, ele deve ser trazido de volta por aflições dolorosas e talvez terríveis, por isso é melhor ele ficar alarmado com isso! Mas, além disso, um amor-próprio esclarecido o alarmará de forma mais pungente do que o amor-próprio dos arminianos. Pense em um arminiano que se encontra apóstata. Será que ele sente um alarme saudável, dizendo a si mesmo: “Ah, eu estava no caminho certo para o céu, mas saí dele; devo voltar a esse caminho?” Bem, o presbiteriano igualmente desviado é ensinado por sua doutrina a dizer: “Eu pensei que estava no caminho certo para o céu, mas agora vejo que estava enganado o tempo todo, porque Deus diz que se eu estivesse realmente naquele caminho certo eu nunca poderia ter saído dele. Portanto, devo perecer ou voltar; não para aquela velha estrada enganosa em que

eu estava, mas para uma nova, essencialmente diferente, mais estreita e mais reta”. Qual dos dois homens tem o motivo mais pungente para lutar?

A imutabilidade da eleição de Deus prova a doutrina da perseverança dos santos. Por que esse pecador foi verdadeiramente convertido? Porque Deus o elegeu para a salvação. Mas Deus diz: “O meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade” (Is 46:10). Visto que Deus é imutável e todo-poderoso, esse propósito de salvá-lo certamente será cumprido. Mas nenhum homem que continua pecando consciente e voluntariamente, pode ser salvo. Por isso, este homem certamente será preservado na graça de Deus.

A doutrina decorre do fato de que a eleição de Deus é soberana e incondicional, não fundamentada em nenhum mérito previsto no pecador eleito. Deus sabia que não havia nada nele de bom para qualificá-lo. Mas Deus previu toda a desobediência, ingratidão e provocação que aquele pecador indigno cometeria. Portanto, a visão futura desta ingratidão, desobediência e provocação por este pobre pecador, não pode se tornar um motivo para Deus revogar sua eleição dele. Deus sabia tudo sobre essas coisas quando o elegeu e, no

entanto, movido por seus próprios motivos de amor, misericórdia e sabedoria, Ele o elegeu.

A mesma conclusão segue da aliança de redenção de Deus com seu Filho, o Messias. Foi um pacto feito desde a eternidade entre o Pai e o Filho. O Filho se comprometeu livremente a morrer pelos pecados do mundo e a cumprir seus outros ofícios como Mediador para a redenção do povo de Deus. Deus fez uma aliança para dar a seu Filho o povo redimido como sua recompensa. Nessa aliança de redenção, Cristo forneceu e cumpriu todas as condições; mas seu povo não cumpriu nenhuma das condições. Assim, quando Cristo morreu, dizendo “Está consumado”, o pacto foi selado. Por isso, não há como uma única estrela da coroa comprada por nosso Salvador, ser perdida. É “uma aliança eterna, em tudo bem-definida e segura” (2 Sm 23:5).

Devemos inferir a mesma bendita verdade do amor de Cristo ao morrer por seu povo enquanto pecadores, dos méritos supremos de sua justiça imputada e do poder de sua intercessão, pois “Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores. Logo,

muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira. Porque, se nós, quando inimigos, fomos reconciliados com Deus mediante a morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida (Rm 5:8-10). Por isso, “Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas?” (Rm 8:32). A Cristo, o Intercessor, o Pai sempre ouve (Jo 11:42). Veja o que nos é dito em João 17:20: “Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra”. Se o Sumo Sacerdote orar por todos os crentes, todos eles receberão o que Ele pede.

Mas o que e quanto Ele ora por eles? Por acaso Ele ora por uma graça temporária e mutável, contingente à vontade humana e falível? Veja João 17:24: “Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo os que me deste, para que vejam a minha glória que me conferiste, porque me amaste antes da fundação do mundo”.

Se alguém se converte, é porque o Espírito Santo entrou nele; se algum pecador vive a vida divina, é

porque o Espírito Santo está habitando nele. Mas a Bíblia nos assegura que este Espírito Santo é a semente permanente da vida espiritual, o penhor do céu e o selo de nossa redenção. Os crentes são “regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente” (1 Pe 1:23). O apóstolo Paulo diz em Efésios 4:30: “Não entristeçais o Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção”.

O *penhor* é uma quantia menor paga em dinheiro quando um contrato é definitivamente fechado, como garantia imutável de que os pagamentos futuros também serão feitos em seu devido tempo. O *selo* é a impressão final adicionada pelas partes contratantes aos seus nomes para significar que o contrato está fechado. Tal é a presença santificadora do Espírito Santo em cada crente genuíno; um princípio imortal de perseverança nele, a confirmação da promessa de Deus em seu propósito de dar-nos todas as coisas e o selo de Deus afixado à sua aliança de graça. Essa, então, é a bendita certeza de esperança que o verdadeiro crente tem o privilégio de alcançar; não apenas que Deus está comprometido a me dar o céu. A plena certeza da

esperança é esta: Deixe o Espírito Santo tocar uma vez esse meu coração morto com sua luz vivificadora, para que eu abrace a Cristo com uma verdadeira fé; então terei a abençoada certeza de que “Aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus” (Fp 1:6).

Tal amor divino infalivelmente continuará comigo apesar dos meus pecados e provocações subsequentes. Tal amor me restaurará e me sustentará, e me dará a vitória final sobre o pecado e a morte. Esta é a esperança inexprimível e gloriosa, mil vezes mais adequada para estimular em mim a obediência, a oração, a vigilância, o esforço, que são os meios de minha vitória, do que as dúvidas arrepiantes de uma possível perda de salvação. Novamente, a Escritura é o nosso melhor argumento. Acrescento alguns textos entre muitos: Veja Jeremias 32:40: “Farei com eles aliança eterna, segundo a qual não deixarei de lhes fazer o bem; e porei o meu temor no seu coração, para que nunca se apartem de mim”. “Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, e ninguém as arrebatará da minha mão” (Jo 10:28). “O firme fundamento de Deus permanece, tendo este selo: O Senhor conhece os que lhe pertencem” (2 Tm 2:19). Os

crentes são “guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação” (1 Pe 1:5). O mesmo apóstolo explica assim a apostasia dos falsos convertidos no final: “O cão voltou ao seu próprio vômito; e: A porca lavada voltou a revolver-se no lamaçal” (2 Pe 2:22). Tal homem é um cão em sua natureza, embora com a superfície externa lavada, mas nunca transformada em um cordeiro; pois se fosse, ele nunca teria retornado para o seu próprio vômito.

O apóstolo João, em 1 João 2:19, explica a apostasia final da mesma forma e em palavras que simplesmente encerram o debate: “Eles saíram de nosso meio; entretanto, não eram dos nossos; porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco; todavia, eles se foram para que ficasse manifesto que nenhum deles é dos nossos”.

Eu considero, que meus argumentos bíblicos refutam todas as objeções. Mas ainda assim, darei uma palavra a duas outras objeções. Os arminianos dizem que se a graça de Deus na regeneração fosse eficaz, alterando a vontade do convertido para longe do pecado e conduzindo-o para o dever do evangelho, isso destruiria seu livre arbítrio. Para eles, se assim fosse, não

haveria qualidade moral nem merecedora em sua subsequente obediência evangélica para agradar a Deus. Minha resposta é que a filosofia deles é falsa. A presença e operação de um princípio correto em um homem, certamente determinando-o a sentimentos e ações corretas, não infringe seu livre-arbítrio, mas é essencial para o verdadeiro livre-arbítrio. Minhas provas são que, se essa filosofia espúria fosse verdadeira, os santos e anjos eleitos no céu não poderiam ter nenhum caráter ou conduta dignos de louvor. Pois eles foram, para sempre, determinados a andar em santidade. O homem Jesus não poderia ter nenhum arbítrio ou mérito, pois sua vontade humana estava absolutamente determinada à santidade. O próprio Deus não poderia ter nenhuma liberdade ou santidade louvável. Afasto de mim esse tipo de filosofia com aversão.

Objeta-se, novamente, que a Bíblia está cheia de advertências aos crentes para vigiar contra a apostasia, como esta em 1 Coríntios 10:12: “Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia.” O sofisma é que, se os crentes não podem cair da graça, todas essas advertências são absurdas. Eu respondo, elas são verdadeiras, porque os crentes podem cair da graça se

forem deixados aos seus próprios poderes naturais. Nesse sentido, eles naturalmente podem cair e, portanto, a vigilância é sempre exigida sobre eles, porque o propósito imutável da graça de Deus para com eles é efetuado neles, não como se fossem troncos ou pedras, ou bestas mudas, mas agentes livres e racionais, para serem guiados e governados pelo Espírito Todo-Poderoso por meio de motivos racionais. Portanto, quando vemos Deus forçando os crentes com esses motivos racionais para não retrocederem, não se deve inferir que Ele secretamente pretende deixá-los retroceder fatalmente, mas exatamente o contrário. Esses é um dos meios pelo qual Deus mantém seguro os crentes, no caminho que devem andar.

Vou encerrar com uma pequena parábola: Observo uma mãe sábia, inteligente, vigilante e amorosa, que está ocupada com o trabalho doméstico. Há uma garotinha brilhante brincando no quarto, a queridinha da mãe. Eu a ouço dizer: “Cuidado, querida, não se aproxime desse fogo, pois você pode se queimar”. Ouça as palavras daquela mulher! Por acaso posso deduzir que a mente daquela mulher está decidida a deixar aquela criança querida se queimar até a morte, a menos

que sua própria vigilância seja suficiente para mantê-la longe do fogo, a cautela de uma criancinha ignorante, impulsiva e volúvel? Que mãe sem coração! Não! Eu não deduzo isso, a menos que eu seja um tolo sem coração. Eu sei que essa mãe sabe que a criança é uma criatura racional, e que as precauções racionais são uma espécie de meio para mantê-la a uma distância segura do fogo. Portanto, ela tem o direito e dever de dirigir tais precauções à criança.

Eu também tenho a certeza de a vigilante mãe não deixará sua querida criança se queimar no fogo. Se a impulsividade e a memória curta da pequenina fazem com que ela descuide das cautelas maternas, sei que verei essa boa mulher largar instantaneamente seus instrumentos de trabalho e retirar sua filha com força física daquele fogo, e então renovar mais racionalmente suas cautelas para a criança com mais ênfase. E se a pequena se mostrar novamente descuidada e desobediente, eu verei a mãe, novamente resgatando a sua filha por meio de sua força física. Também verei novamente a mãe imprimindo suas advertências na mente da criança com mais eficácia, talvez de maneira carinhosa, ou talvez por uma forte repreensão.

Tal é o sistema bíblico de graça que os homens chamam de calvinismo, tantas vezes em desprezo. O “menor mérito” dessa doutrina é que corresponde exatamente à experiência, ao bom senso e à verdadeira filosofia. Seu “maior mérito” é que corresponde às Escrituras. “Seja Deus verdadeiro, e mentiroso, todo homem” (Rm 3:4). Essa doutrina exalta Deus, seu poder, seu amor e misericórdia. Deus têm o direito de ser supremamente exaltado. Esta doutrina humilha o homem. Ele deve ser humilhado, pois ele é um pecador culpado e perdido, o único, mas certo, arquiteto de sua própria ruína. Indefeso, mas culpado de tudo o que o torna indefeso, ele deve tomar seu lugar na mais profunda contrição e dar toda a glória de sua redenção a Deus. Esta doutrina, enquanto derruba o orgulho do homem, dá-lhe uma âncora de esperança, segura e firme, atraindo-o para o céu; pois sua esperança não se baseia na fraqueza, loucura e inconstância de sua vontade humana, mas no eterno amor, sabedoria e poder do Deus Todo-Poderoso. “Feliz és tu, ó Israel! Quem é como tu? Povo salvo pelo SENHOR, escudo que te socorre, espada que te dá alteza!” (Dt 33:29). “O Deus eterno é a tua habitação e, por baixo de ti, estende os

braços eternos” (Dt 33:27).



Quem foi Robert L. Dabney?

John Robert Lewis Dabney (5 de Março de 1820 - 3 de Janeiro de 1898) foi um teólogo cristão americano, pastor presbiteriano, capelão do Exército dos Estados Confederados e arquiteto. Ele também foi chefe de gabinete e biógrafo de *Stonewall Jackson*. Sua biografia de Jackson permanece impressa até hoje.

Dabney e James Henley Thornwell foram dois dos estudiosos mais influentes do Presbiterianismo do Sul. Ambos eram calvinistas, presbiterianos da velha escola e conservadores. Alguns presbiterianos conservadores,

particularmente dentro da Igreja Presbiteriana na América e da Igreja Presbiteriana Ortodoxa, ainda valorizam seus escritos teológicos, embora ambas as igrejas tenham repudiado as crenças de Dabney e Thornwell sobre raça e apoio à escravidão.

Robert Lewis Dabney nasceu em 5 de março de 1820. Ele foi o sexto filho (terceiro filho homem) de *Charles William Dabney* (1786–1833) e *Elizabeth Randolph Price Dabney*. Seu irmão, *Charles William Dabney* (1809–1895) foi o capitão da Companhia C, 15º Regimento de Infantaria da Virgínia.

Ele se formou no *Hampden-Sydney College* como Bacharel em Artes em 1837 e recebeu o título de mestre pela Universidade da Virgínia em 1842. Posteriormente, ele se formou no *Union Theological Seminary* em 1846.

C a m i n h a d a

Ele serviu como missionário no Condado de *Louisa, Virgínia*, de 1846 a 1847 e foi pastor na *Tinkling Spring Presbyterian Church* de 1847 a 1853, sendo também diretor de uma escola clássica por uma parte desse tempo. Ele é considerado um filho distinto da Igreja

Presbiteriana de Providência. Foi em Tinkling Spring que ele conheceu *Margaret Lavinia Morrison*. Eles se casaram em 28 de março de 1848. Eles tiveram seis filhos juntos, três dos quais morreram de difteria na infância (dois em 1855, o outro em 1862). De 1853 a 1859, foi professor de história e política eclesiástica e de 1859 a 1869 professor adjunto de teologia sistemática no Union Theological Seminary, onde mais tarde se tornou professor titular de sistemática. Em 1883, foi nomeado professor de filosofia mental e moral na Universidade do Texas.

Em 1894, problemas de saúde o obrigaram a se aposentar da vida ativa, embora ainda lecionasse ocasionalmente. Ele foi co-pastor, com seu cunhado *B. M. Smith*, na *Hampden-Sydney College Church* de 1858 a 1874, também servindo no Hampden-Sydney College como professor em ocasiões de vagas em seu corpo docente. Dabney, cuja esposa era prima de terceiro grau da esposa de Stonewall Jackson, participou da Guerra Civil Americana. Durante o verão de 1861 ele foi capelão da 18ª Infantaria da Virgínia no exército confederado e no ano seguinte foi chefe de gabinete de Jackson durante a Campanha do Vale e as Batalhas dos Sete Dias.

LEGADO REFORMADO

*Outros títulos
produzidos por nós*



A Cruz
J.C. Ryle

O que você pensa e sente a respeito da cruz de Cristo? As vezes você vive em uma nação cristã. Provavelmente frequenta o culto de uma igreja cristã. Talvez tenha sido batizado em nome de Cristo. Professa e pensa ser um cristão. Tudo isto é o que se pode dizer de milhões no mundo. Mas tudo isto não é resposta à minha pergunta: "O que você pensa e sente sobre a cruz de Cristo"?

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



Um Guia Seguro para o Céu Joseph Allaine

Alguns de vocês não sabem o que quero dizer com conversão, e em vão tentarei persuadi-los a algo que vocês não entendem. Portanto, para o seu bem, vou mostrar **o que é conversão**.

Outros nutrem esperanças secretas de misericórdia, embora continuem como estão. Para eles devo mostrar a **necessidade da conversão**.

Outros tendem a se endurecer com a vã presunção de que já estão convertidos. A eles devo mostrar **as marcas dos não convertidos**.

Outros, porque não sentem nenhum mal, não temem nenhum, e dormem como no topo de um mastro. A eles mostrarei a **miséria dos não convertidos**.

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



Satanás e Seu Evangelho

A.W. Pink

Tendo sido frustrado e derrotado então, em todos os pontos; tendo falhado em impedir a encarnação de nosso abençoado Senhor, tendo falhado em impedi-Lo de oferecer a Si mesmo como sacrifício pelo pecado, tendo falhado em manter Seu corpo nos confins da sepultura, cabe a nós indagar se Satanás desistiu em desespero ou não, se ele deixou de atacar a pessoa e a obra do Senhor Jesus, se ele mudou sua atitude em relação ao Filho amado de Deus; ou, se ele ainda está processando seus desígnios perversos, ainda se esforçando para frustrar os propósitos de Deus e se ele está ou não, agora, visando anular as virtudes da morte expiatória de Cristo.

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



O Pai Nosso
A.W.Pink

"Santificado seja o Teu nome". Como é fácil proferir estas palavras sem pensar em sua importância solene! Ao procurar ponderá-las, quatro questões são naturalmente levantadas em nossas mentes. Primeiro, o que significa a palavra "santificado"? Em segundo lugar, o que significa o nome de Deus? Terceiro, qual é a importância de "santificado seja o Teu nome"? Quarto, por que esta petição vem em primeiro lugar?

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



A Rara Joia do Contentamento Cristão Jeremiah Burroughs

O mistério do contentamento cristão será a obrigação, a glória e a excelência de um cristão.

- A natureza do contentamento cristão: O que é isso (Cap.1)
- A arte e o mistério disso (Cap.2)
- Quais lições devem ser aprendidas para trazer contentamento ao coração. (Cap. 3)
- No que principalmente consiste a gloriosa excelência dessa graça. (Cap.4)

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



A Importância da Bíblia **J.C. Ryle**

Ao lado da oração não há nada tão importante na religião prática como a leitura da Bíblia. Deus misericordiosamente nos deu um livro que é "tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus" (2 Timóteo 3:15). Lendo esse livro podemos aprender sobre o que acreditar, o que ser e o que fazer; como viver com conforto, e como morrer em paz. Feliz é aquele homem que possui uma Bíblia! Mais feliz ainda é aquele que a lê! O mais feliz de todos é aquele que não só lê, mas o obedece, e faz dela a regra de sua fé e prática!

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



O Atleta Celestial **John Bunyan**

Amigos, Salomão diz que “O preguiçoso morre desejando” (Pv 21:25); e se assim for, o que a própria preguiça fará com aqueles que a entretêm? O provérbio é: “o que dorme na sega é filho que envergonha.” (Pv 10:5). E isto ousou dizer: nenhuma vergonha maior pode acontecer a um homem do que ver que ele enganou sua alma e pecou a vida inteira. E tenho certeza de que esta é a próxima maneira de fazer isso; ou seja, ser preguiçoso – preguiçoso, eu digo, na obra da salvação. A vinha do homem preguiçoso, em referência às coisas desta vida, não está mais cheia de sarças, urtigas e ervas daninhas fétidas do que aquele que é preguiçoso para o céu, tendo seu coração e alma sufocados; maldito pecado.

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



Deus Acima do Tempo
Angus Stewart

É claro e repetidamente ensinado na Bíblia, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, que Deus é eterno. Existe, porém, uma diferença de opiniões no significado da eternidade de Deus. Basicamente existem duas visões. Uma é que a eternidade de Deus significa que Ele é desde a infinidade passada e será na infinidade futura. Esta é a visão da eternidade de Deus como eterna ou sempiterna. A outra posição, defendida neste artigo, é que Deus está acima do tempo, que Ele não está no tempo e nem o tempo no Seu Ser.

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



Nas Pegadas do Cordeiro
George Steinberge

Na vida cristã nossa relação é com uma pessoa, não com uma doutrina. Ele nos deixou um exemplo. Podemos ser desviados pelas doutrinas, e podemos nos cansar delas [embora devamos nos esforçar para não fazê-lo], mas nunca nos cansamos de olhar para o Cordeiro e caminhar em Seus passos. Vamos passar toda a eternidade adorando o Pai porque Ele nos deu o Cordeiro, não só como uma oferta ao pecado, mas também como guia! E como isso é abençoador para nós, especialmente em nosso tempo em que tantas vozes conflitantes chamam: "Aqui está o Cristo!" e "Veja! Ele está lá!"

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



Orgulho e Humildade **C.H. Spurgeon**

Quase todo evento tem seu prelúdio profético. É um ditado antigo e comum, que “os próximos eventos lançam suas sombras antes de acontecer”; o homem sábio nos ensina a mesma lição no versículo diante de nós. Quando a destruição caminha pela terra, ela lança sua sombra; está na forma de orgulho. Quando a honra visita a casa de um homem, ela lança sua sombra; está na forma da humildade. “Antes da ruína, gaba-se o coração do homem”.

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



Praticando a Presença de Deus **Irmão Lawrence**

Durante o inverno, vendo uma árvore despojada de sua folhagem, e considerando que em breve voltariam a brotar as suas folhas e depois apareceriam as flores e os frutos, Irmão Lourenço recebeu uma visão da Providência e do Poder de Deus que nunca se apagou de sua alma. Esta visão o liberou totalmente do mundo, e incendiou nele um grande amor por Deus. Tão grande era esse amor que ele não podia se dizer que tinha aumentado nos quarenta anos que se passaram.

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)